



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ROSALIA POMAR CAMARGO II

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-316

Entrevistada: Rosalia Pomar Camargo

Nascimento: 25/12/1964

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadora: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 06/03/2013

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 10

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação como bibliotecária; função como servidora da UFRGS; contatos na compra pela ESEF do Acervo de Livros do Professor João Luiz Rolla; separação dos livros; formação do Acervo histórico da Biblioteca da ESEF – UFRGS; inauguração do Acervo Histórico com homenagem ao Professor Rolla; encontro com o Professor Rolla; coleta de outros acervos para a biblioteca.

Estamos na cidade de Porto Alegre, 06 de março de 2013 esta entrevista esta a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memórias do Esporte.

M.C. – Rosalia, qual é hoje a tua posição profissional o que tu fazes?

R.C. – Eu sou bibliotecária do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

M.C. – Certo! Tua formação?

R.C. – Eu sou bibliotecária desde 1986.

M.C. – Desta casa, formou-se aqui?

R.C. – Eu me formei aqui na UFRGS em 1986 e trabalhei aqui na ESEF de 1985 a 1999 Eu pedi demissão voluntária, fiquei cinco anos fora e voltei em 2005; passei no concurso e estou no Instituto de Biociências da UFRGS agora.

M.C. – Qual e atua função lá hoje?

R.C. – Eu sou bibliotecária chefe.

M.C. – Certo! Qual é o teu estado civil?

R.C. – Solteira!

M.C. – Certo! Então, tu sabes que nós solicitamos esta entrevista porque estamos fazendo uma pesquisa histórica sobre o professor Rolla¹ e nós encontramos aqui no acervo do CEME² um grande material que foi do professor e, conforme fomos ouvindo os entrevistados, eles nos colocam que tu estavas na época na biblioteca ou no CEME. Nós

¹ João Luiz Rolla, professor, bailarino e coreógrafo.

² Centro de Memória do Esporte (ESEF-UFRGS)

queremos entender qual era a tua função na época e se tu recebeste esse material. Então a gente queria que tu nos contasses qual foi o envolvimento, como é que chegou essa notícia em ti, desde o princípio o que tu conseguires lembrar.

R.C. – Eu, não me lembro direito que ano foi. Acho que na biblioteca da ESEF talvez tenha nos relatórios, mas deve ter sido entre o final da década de 1980 e início de 1990.

M.C. – Que tipo de relatórios são esses Rosa?

R.C. – São relatórios anuais que nós entregávamos para a Biblioteca Central com todo o levantamento de quantos livros e periódicos tinham na biblioteca, o que foi comprado ou doado, o que entrou no acervo. Todo esse tipo de informação: quantos alunos eram inscritos na biblioteca, número de empréstimos, horário da biblioteca, essas coisas. Na verdade trabalhava eu e a Paulete Golbert; nós éramos bibliotecárias da ESEF e eu não me lembro se nessa época era eu ou a Paulete que estava na chefia. Aí chegou ao nosso conhecimento através - acho que de uma professora da área de dança eu não me recordo bem - que o bailarino Rolla estava doente e estava querendo se desfazer dos livros dele para poder comprar os remédios. Ele era uma pessoa sozinha não tinha filhos, não tinha uma esposa, não tinha alguém que cuidasse dele, então, resolveu vender este material e ofereceu à Universidade. Então esse material foi comprado, deve constar nesse relatório o valor tudo certinho. Eu e a Paulete fomos lá buscar este material no carro dela.

M.C. – Lá onde?

R.C. – Na casa dele!

M.C. – Na casa dele!

R.C. – Eu acho que ali no bairro Bonfim também já faz bastante tempo eu já não me recordo muito assim do local.

M.C. – Ele que recebeu vocês?

R.C. – Ele recebeu, separou livro por livro e nós o ajudamos. Ele foi encaixotando os livros e foi contando a história dele e dos livros.

M.C. – O que tu te lembras dessa passagem?

R.C. – Ele contava assim: cada livro que ele botava dentro da caixa, ele dizia como é que ele conseguiu, como comprou... Claro que não vou lembrar de detalhes, mas ele ficou muito emotivo. Nós saímos de lá arrasadas, eu e a Paulete, as duas chorando. Sabe, eu sou uma pessoa muito emotiva, eu sou capricorniana daquelas que chora por qualquer coisinha e a Paulete, embora seja uma pessoa muito forte, ela também se emocionou. Ela nunca demonstrava, mas saímos de lá, as duas em lágrimas carregando o material nas caixas... Aquela coisa dele ter contado detalhes de cada livro e tu sentir o amor que ele tinha por aqueles livros; eu acho que tinha roupas também, eu não me lembro bem, mas eu acho que na época só vieram os livros que ele tinha. Mas ele mostrou os álbuns, mostrou coisas que ele tinha e a gente trouxe esse acervo para a biblioteca da ESEF.

M.C. – E ele fez uma carta de cessão nesse material ou era uma carta de compra?

R.C. – Eu não me lembro. Talvez a Paulete se lembre melhor; eu lembro que a gente comprou, que foi feito um projeto para serem comprados esses livros, para Universidade poder comprar.

M.C. – Um projeto de extensão, um projeto... Foi aberto tipo um processo de um projeto para comprar esses livros?

R.C. – Sim, esses livros, se não me engano, era cento e pouco, cento e trinta alguma coisa.

M.C. – Sim!

R.C. – E depois nós trouxemos os livros e incorporamos ao acervo. Em 1985, quando a Paulete começou a trabalhar aqui na biblioteca, ela começou a separar o acervo. Como foram cadastrados todos os livros da biblioteca, ela achou interessante separar o acervo anterior a 1950 e passamos a chamar de Acervo Histórico. Separamos do acervo geral, o

acervo anterior a 1950, pois estes eram poucos usados já que eram antigos e a ortografia também era antiga. Assim, esse acervo do professor Rolla veio a somar ao Acervo Histórico, assim como outros acervos que depois foram doados como o do Professor Targa³; e da Professora Olga Valeria Kroeff Echart, que também fomos buscar em casa. Posteriormente a professora Janice⁴ veio trabalhar aqui na ESEF e foi montado o Centro de Memória. Aí esses livros passaram a fazer parte do Centro de Memória

M.C. – E eles ficaram na biblioteca ou eles vieram para o CEME?

R.C. – Eles ficaram na biblioteca até o CEME ir pra onde era o antigo LAPEX⁵. Depois teve um incêndio e resolveram voltar com o acervo para a biblioteca.

M.C. – Por segurança, Rosa?

R.C. – Por segurança, achando que ficaria mais seguro e para ficar junto com o acervo dos livros na biblioteca. Atualmente eu não sei onde está, se esta na biblioteca ou se está aqui no CEME.

M.C. – Certo!

R.C. – Então, talvez um mês ou dois meses depois que o acervo veio para a biblioteca, nós fizemos um evento e convidamos o professor Rolla e outras pessoas da área de dança de Porto Alegre. Foi feita uma homenagem para ele.

M.C. – Foi na biblioteca mesmo?

R.C. – Foi na biblioteca, teve um coquetel, mas uma comemoração... Talvez até tenha ficado alguma foto.

M.C. – Algum registro tu achas que tem?

³ Jacintho Francisco Targa.

⁴ Janice Zarpellon Mazo.

R.C. – Eu acho que sim!

M.C. – Na própria biblioteca?

R.C. – Na própria biblioteca talvez no relatório desse ano...

M.C. – Tu te lembras como se chamou esse evento?

R.C. – Eu não me lembro como é que chamou. Eu lembro que vieram algumas alunas, algumas bailarinas que tinham trabalhado com ele. Algumas até meio estúpidas conosco, disseram que nós tínhamos tirado os livros dele, alguma coisa assim. Nós tentamos explicar que não, que foi uma maneira de ajudá-lo porque, na realidade, ele não tinha mais de onde tirar dinheiro e foi uma oportunidade dele conseguir e para nós também de receber esse acervo bem importante e que tinha obras da França e de outros países.

M.C. Mas a informação de que ele não tinha mais condições, ele mesmo que te disse quando ele entregou os livros?

R.C. – Isso! Até ficamos emocionadas.

M.C. – Ele chegou a comentar alguma coisa?

R.C. – Ele comentou sim, que ele não tinha da onde tirar esse dinheiro, que ele estava precisando... Eu não lembro se ele chegava a estar doente, ele já devia ter quase noventa anos, beirando isso, um pouquinho mais um pouquinho menos.

M.C. – E nessa casa, ele morava sozinho?

R.C. – Ele morava sozinho nesse apartamento. O que eu me lembro é isso, que foi muito emocionante para nós. Nós saímos de lá bem assim porque sentimos que era um pouquinho da vida dele; pena que na época nós não tivemos a ideia de levar um gravador para fazer uma entrevista, conversar e até de gravar esta parte que ele conversou conosco. E eu não

⁵ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

me lembro se no relatório foi colocado alguma coisa nesse sentido, dessa emoção que sentimos. Mas foi muito legal, ele era uma pessoa bem calma para falar... Eu não me lembro o horário, mas acho que foi pela manhã, acho que ficamos das dez da manhã até o meio dia; eu sei que ficamos umas duas ou três horas e ele guardando os livros. Ele fez questão de guardar na nossa frente, de contar a história dos livros, onde ele comprou, se alguém deu para ele.

M.C. – Quando tu relatas esse fato dessa aluna falar em tirar os livros dele, como é que ele vê essa possibilidade de guardar os livros? Para ele isso era positivo, passar para a biblioteca?

R.C. – Eu acho que sim porque ele viu uma maneira de ter um dinheiro para se sustentar. E o que explicamos para ele, é que os livros iam estar preservados, todas as pessoas poderiam utilizar porque é uma biblioteca pública, que qualquer pessoa da comunidade poderia utilizar os livros, que bailarinos de Porto Alegre e escolas de dança poderiam utilizar. Então acho que ele viu que ia ser bem cuidado e até essa questão de irmos pessoalmente, ter conversado com ele e não simplesmente ter ido lá, encaixotado, mandado alguém ir buscar, um motorista... Mas não, fizemos questão de ir lá, de conhecer, de conversar e trazer esse material para cá. Ai a moça que foi meio estúpida, na hora que ela falou, eu tentei explicar eu disse: “Olha, de maneira nenhuma a Universidade fez algo impróprio, também não faria se não houvesse interesse de ambas as partes”.

M.C. – Claro. E nesse evento, o professor Rolla discursou, ele falou alguma coisa? Tu te recordas?

R.C. – Eu acho que ele falou alguma coisa sim.

M.C. – O Diretor estava? O diretor da ESEF?

R.C. – Eu acho que estava o diretor, eu não me recordo quem era o diretor na época.

M.C. – O ano mais ou menos tu te lembrás? Vamos ver nos registros...

R.C. – Eu acho que foi entre 1988 e 1992, por ai. Foi o único contato que tivemos com ele, também não sei mais o que ocorreu.

M.C. – Certo! Esse outro material que depois nós recebemos com os figurinos e tudo mais que também foi entregue pela Leta.⁶ Esse tu já não tiveste contato, sobre essa situação tu lembrás mais alguma coisa importante que tu queiras me falar?

R.C. – Eu me lembro que a gente entregou para ele, acho que foi um vaso com uma violeta, que a gente fez uma homenagem para ele e entregamos um vasinho de violeta para ele e outras pessoas vieram e trouxeram algumas lembranças... Não me lembro.

M.C. – Sobre a pesquisa neste acervo no tempo que tu trabalhavas, tu sabes me colocar como era a procura? Tu achas que o acervo do professor Rolla foi utilizado?

R.C. – Olha! Eu não me lembro de ter muita procura talvez por falta de divulgação. E também, como era um acervo mais histórico, ele ficava separado do acervo geral. Talvez algumas pessoas que tinham interesse na dança, tipo a professora Mônica⁷; acho que a Mônica era aluna, mas tinha pessoas... Não sei se naquela época ainda estava à professora Zelira⁸ que era professora de ginástica rítmica, a professora Margô⁹ que era da área da dança veio pelo menos olhar o que tinha. Mas da parte dos alunos mesmo, acho que não teve muito interesse até porque dança era só uma disciplina na época, que só tinha Educação Física. Acho que agora que está mais divulgado.

M.C. – Bom! Eu acredito que seja isso. Eu gostaria de te perguntar se tu queres acrescentar alguma coisa sobre a tua entrevista.

R.C. – Não, seria isso. Eu não sei se vocês conversaram com a Paulete...

M.C. – Ainda não! Tu tens um contato dela, tu já podes me passar agora.

⁶ Maria Celeste Etges

⁷ Mônica Fagundes Dantas, professora da ESEF.

⁸ Zelira Mendes Eichenberg.

⁹ Margô Leni Taube.

R.C. – Não transcrevi dados pessoais da Paulete.

M.C. – Só para confirmar, antes de terminar: Rosalia, então tu entendes que a carta de cessão, ou seja, a carta de compra ou o documento que tenha para a utilização desse acervo histórico ele está nesse relatório que a biblioteca fazia todo o ano dizendo quais os livros que tinham? Tu acreditas que estejam nesse lugar?

R.C. – Eu acho que sim porque deixávamos tudo bem relatado. Esse relatório que fazíamos anualmente tinha dados de números e depois tinha uma parte escrita do que tinha acontecido, funcionário que tinha entrado, funcionário que tinha saído, eventos que aconteceram, participações nossas em congressos, em cursos... Isso tem que ficar bem relatado, eu não posso te precisar a data exata, faz tempo, foram quase quinze anos de ESEF mais o tempo que eu já estou fora.

M.C. – Com certeza! Rosa, eu gostaria de te agradecer em nome do CEME pela tua disponibilidade de estar aqui dando essa entrevista e nós estamos a tua disposição também para o que precisares.

R.C. – Muito obrigada. Nós fomos também buscar na casa do professor Targa os livros dele e fomos na casa da professora Olga Echart, que eu acho que era uma professora de vôlei. Nesse a professora Janice foi junto porque a Paulete já não era mais bibliotecária e eu acho que do professor Targa, eu não me lembro também se a Paulete foi. Eu me lembro que eu fui e o dia em que a gente foi buscar os livros era o dia do aniversário dele.

M.C. – Tu queres contar um pouquinho sobre isso aproveitando que está aqui? Vamos lá, sobre a entrega dos livros do professor Targa, o que tu te recordas?

R.C. – Do professor Targa o que eu me lembro é que a gente foi na casa dele, já era falecido, já tinha falecido fazia um ano e antes de ele morrer teve uma festa aqui na ESEF, uma confraternização que ele veio com a esposa dele, Dinah Pecoits Targa, que também foi professora aqui da ESEF. Nesta confraternização se falou em doação de livros e do nosso interesse em receber o acervo que ele possuía em sua casa, a professora Dinah Targa nos disse que: “Ele não iria doar nada em vida, porque ele ainda lê os livros, ele curte a biblioteca dele, então, a gente não vai mexer nesse material”. Quando ele faleceu, um ano

ou dois anos depois desse evento, acho que uns seis meses ou um ano depois que ele faleceu fomos buscar os livros que a esposa dele doou para a biblioteca. Buscamos os livros e também ajudamos a encaixotar; trouxemos o material e na hora em que estávamos saindo ela falou que naquele dia, 20 de agosto, era o dia do aniversário dele; eu não esqueço porque é o dia do aniversário da minha mãe. Ela ficou bastante emocionada e a nós também, claro que fica.

M.C. – Claro!

R.C. – Até porque foi uma data sem querer. Fomos buscar no dia que era aniversário dele e foi bem interessante... Mas lembro bem pouco, lembro da gente ter ido lá na casa dele.

M.C. – Tu lembra se foi antes ou depois do acervo do professor Rolla?

R.C. – Eu acho que foi depois do professor Rolla.

M.C. – E uma carta de cessão também estaria nessa documentação no mesmo lugar?

R.C. – Eu acho que carta de cessão não. Eu acho que foi relatado que teve essa doação, o número de livros, deve ter esse registro... Nós tínhamos muito esse cuidado de relatar tudo o que acontecia dentro da biblioteca

M.C. – E essa outra professora de vôlei?

R.C. – E essa outra professora de vôlei também. Professora Olga Echart, Eu me lembro que foi a Janice e foi mais um bolsista da biblioteca buscar. Tiramos os livros de cima da estante; eu não podia porque eu tinha tendinite. Eu sei que o Cláudio Mattos Ferreira, que era o bolsista na época e a Janice... E a professora que já tinha mais de setenta anos, devia ter quase oitenta anos, não teve dúvida: subiu numa escada e foi retirando os livros; ela retirava os livros e íamos encaixotando.

M.C. – Se tu recordares depois na correção também tu podes colocar.

R.C. – Talvez até depois eu possa conversar com o meu pai e, ele lembre o nome das pessoas. Provavelmente deva ter esse relatório também, já existia o CEME, então, já era mais perto de 1998. É uma coisa mais recente porque eu me lembro que a Janice foi junto.

Então foi assim foram três experiências que eu me lembro de ter ido buscar material e fazíamos questão de ir buscar, de ver, de conversar. Essa professora, eu lembro da agilidade dela de pegar o material... E atualmente as pessoas estão chegando aos cem anos, mas naquela época, uma pessoa de setenta e cinco, oitenta anos, já era uma pessoa difícil para subir escada. E ela não, na maior agilidade! Foram experiências que eu achei bem importante relatar.

M.C. - Fico muito feliz que tu nos trazes o relato porque fica o registro. Mais alguma coisa para terminar?

R.C. – Acho que é isso!

M.C. – Então queria te agradecer em nome do CEME. Muito obrigado!

R.C. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

[FINAL DA ENTREVISTA]